

A ESPERA¹

Tradução: Gabrielle Miguelez²

Revisão: Kana Okamoto³

Todos os dias, nesta pequena estação de trem, eu recebo os passageiros que aqui chegam. Pessoas desconhecidas; não importa quem sejam.

Na volta do mercado, eu sempre faço uma visita à estação. Eu sento no banco frio, coloco o cesto de compras no meu colo, e passo a observar a área de entrada e saída. Toda vez que um trem chega à plataforma, uma multidão lança-se para fora da porta, e uma enchente de pessoas, numa uniformidade de rostos zangados, atravessa o local de desembarque. Às pressas, mostram passes, entregam bilhetes. Sem sequer olhar para o lado, passam pelo banco em que estou sentada e saem rumo à praça em frente à estação. E assim, finalmente, espalham-se em diversas direções, cada qual seguindo seu rumo. Estou sentada, distraída. Uma pessoa, sorrindo, me chama. Oh, que medo! O que eu faço? Meu coração bate forte. Só de pensar, me arrepio. É como se tivessem derramado água gelada nas minhas costas. Não consigo respirar. Mesmo assim, eu continuo esperando. Afinal, por quem eu espero todos os dias aqui, sentada neste banco? Que tipo de pessoa? Aliás, o que eu espero pode sequer ser humano. Eu odeio seres humanos — tenho medo deles, na verdade. Ficar cara a cara com as pessoas, ter que fazer cumprimentos sem significado algum — “Como vai?” — “Esfriou, né?” — toda vez que digo essas coisas que não quero dizer, tenho a impressão de que não há no mundo inteiro outro ser tão mentiroso quanto eu, e me sinto tão mal que tenho vontade de morrer. Os outros estão sempre num perpétuo estado de desconfiança, fazendo elogios vagos, expondo falsas opiniões cheias de si. Quando ouço essas coisas, quando vejo essa cautela tão exagerada e mesquinha, fico triste, fico tão triste que passa a se tornar insuportável viver neste mundo. Será que as pessoas são todas desse jeito? Trocando saudações rígidas, sempre tão precavidas. Será que elas passam a vida inteira assim, cansando umas às outras? Não gosto de me encontrar com as pessoas. É por isso que, salvo um motivo excepcional, eu nunca visito amigos ou faço algo

¹ “A Espera” [待つ, *Matsu*]. Publicado originalmente em junho de 1942, na coletânea de contos *Josei* (“Mulheres”).

² Gabrielle Miguelez é aluna do curso de graduação Bacharelado em Letras — Tradutor Português/Japonês da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. E-mail: <g.miguelez8@gmail.com>.

³ Kana Okamoto é Bacharel em Jornalismo pela Universidade de Sophia (Tóquio, Japão). Fez intercâmbio no Brasil, como aluna da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (PUCRS). Atualmente, mora no Japão e trabalha como jornalista. E-mail: <kankanmoto214@gmail.com>.

desse tipo. O momento em que eu mais me sentia em paz era quando ficava em casa com a minha mãe, nós duas costurando em silêncio. Mas então a grande guerra começou e a situação à nossa volta tornou-se terrivelmente tensa. A ideia de ser a única a passar todos os dias ociosa em casa me pareceu horrível. Sem saber por que, me tornei inquieta, nada me fazia sossegar. Senti vontade de trabalhar de corpo e alma, de ser útil, de contribuir diretamente. Perdi a confiança na maneira como vivera até então.

Não suporto a ideia de ficar sentada quieta em casa, mas, se eu penso em sair, não tenho nenhum lugar para ir. Saio para fazer compras, e, na volta, passo na estação. Estou sentada no banco frio. E se alguém aparecesse de repente! “Ah, mas, o que farei se aparecer?”, eu penso com pavor. Mas, caso apareça mesmo, não haverá alternativa — eu oferecerei a essa pessoa toda a minha existência. Minha sorte será decidida nesse momento. Fantasias entrelaçam-se bizarramente a um sentimento de resignação, e eu sufoco em meio a toda essa sensação angustiante. Fico em um estado de não saber se estou viva ou morta, como se estivesse sonhando acordada. As pessoas indo e vindo em frente à estação parecem tão minúsculas e distantes, como se eu estivesse olhando pelo lado oposto de um telescópio. O mundo mergulha em silêncio. Quem, afinal, eu estou esperando? Na verdade, pode ser que, no fundo, eu seja só uma mulher indecente e imoral, e toda essa história de a grande guerra começar, daí a me sentir inquieta e de repente querer ser útil, trabalhar de corpo e alma, pode ser que tudo isso não passe de uma grande mentira — uma desculpa enfeitada para o que eu realmente desejo, que é, como posso dizer, apenas uma oportunidade para materializar minhas fantasias insensatas. Estou sentada aqui, com o olhar vago, mas dentro do meu peito eu sinto como se houvesse também a fagulha de algo; o lampejo ardente de um plano atrevido.

Quem será que estou esperando? Eu não tenho nenhuma definição exata de quem seja; apenas me sinto triste. Mas, mesmo assim, eu espero. Desde que a grande guerra começou, dia após dia e após dia, eu faço compras e, na volta, passo na estação, sento no banco frio, e espero. Uma pessoa, sorrindo, me chama. Oh, que medo! Estou perdida! Não, não é você quem eu estou esperando. Então quem é, afinal de contas? Meu marido? Nem pensar. Namorado? Não! Amigo? Nunca! Dinheiro? Ridículo! Um fantasma?! Oh, tomara que não!

Não sei dizer bem o que é. Algo brilhante, esplêndido. Algo que lembra a primavera, por exemplo. Não, não é isso. Folhas frescas. Maio. A água cristalina que corre pelos campos de trigo. Pensando bem, não é nada disso. Ah, mas, mesmo assim, eu espero. Espero com meu coração a dançar. Na minha frente, pessoas passam em bando. Não é essa. Também não é aquela. Trêmula, abraçada ao cesto de compras, eu espero. Espero fervorosamente. Eu lhe peço, por favor, não se esqueça, e não ria de mim. Lembre-se da menina de vinte anos, que dia após dia vai até a estação e depois volta para casa, sentindo-se sempre vazia. O nome desta

pequena estação eu propositalmente não irei lhe revelar. Mesmo que eu não diga eu sei que, um dia, você irá me encontrar.

Como citar este texto (ABNT):

DAZAI, O. A espera. Tradução de Gabrielle Miguelez. **Cadernos de Tradução**, Porto Alegre, n.41, jul./dez., p. 96-98, 2017.